

LOGOS DE CRESO: PADRÃO DE UM MODELO DRAMÁTICO

Orlando Luiz de Araújo*

Resumo

O diálogo entre Creso e Solon, na História de Heródoto, apresenta-se como um discurso trágico. Nessa perspectiva, dizemos que o *lógos* de Creso constitui um modelo dramático. Analisamos, nesse trabalho, a confluência que há entre a narrativa histórica apresentada por Heródoto e a representação cênica da tragédia grega.

Palavras-Chave: Heródoto; *lógos*; drama.

Abstract

The dialogue between Croesus and Solon, in History of Herodotus, is presented as a tragic discourse. In this perspective, it is said that Croesus' *logos* constitutes a dramatic model. In this work the confluence which exists between the historical narrative presented by Herodotus and the scenic representation of the Greek tragedy is analysed.

Key words: Herodotus; *logos*; drama.

Lógos de Creso: Padrão de um Modelo Dramático

“não ter nascido prevalece sobre todo o sentido expresso em palavras; de longe, a segunda melhor coisa para a vida, uma vez que tenha aparecido, é voltar o mais rapidamente possível ao lugar de onde veio”
(Édipo em Colono, vv. 1224-26)

Heródoto de Halicarnasso, no próêmio do seu livro *História*, inicia explicando-nos o porquê da sua exposição (*apódexis*). O historiador nos diz que os resultados das suas investigações serão apresentados, a fim de que “as coisas

que aconteceram não sejam esquecidas pelos homens com o passar do tempo, e para que os feitos magnânicos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, e, especialmente, as razões pelas quais eles guerrearam”.

No Livro I, capítulo 5, após apresentar um catálogo de vários raptos de mulheres, dentre elas: Ío, Medéia e Helena, Heródoto anuncia o que realmente vai relatar, trata-se, pois, igualmente (*homoíós*), das pequenas e grandes cidades dos homens (*smikrà kai megála ástea anthropon*); ele completa: “pois as que eram grandes, outrora, muitas delas tornaram-se pequenas; e as que são grandes para mim, antes eram pequenas”.

Heródoto anuncia, nesses termos, o que constituirá um modelo dramático de tragédia. Utilizando-se da metáfora das cidades que podem viver áureos tempos, mas também conhecer a decrepitude, ele conflui para um outro ponto: assim como as cidades são instáveis, também o é a natureza humana. Ele parece querer advertir o seu público de que se a “*prosperidade humana jamais é estável*”, nada é seguro, na vida humana não há senão a garantia da morte. Com isso, Heródoto estabelece o padrão de um modelo dramático que vai encontrar no discurso trágico sua ressonância.

No capítulo 6, apresentando-nos o episódio do diálogo entre Creso e Sólon, no qual eles conversam acerca da felicidade, Heródoto demarca, na sua narrativa em prosa, o que a tragédia faz em verso. O *lógos* dos dois personagens, em forma e conteúdo, pode ser dividido em partes representativas do drama grego. Pode-se, portanto, dividir o *lógos* de Creso e Sólon em dez partes:

1. a visita de Sólon a Sardes;
2. Creso indaga Sólon sobre quem é o homem mais feliz;
3. Sólon responde a Creso: Telos de Atenas, Cléobis e Bítton;

* Professor de Língua e Literatura Grega do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC, aluno do Mestrado em Letras Clássicas da USP e bolsista da CAPES.

4. indignação de Cresos;
5. réplica de Sólon;
6. digressão sobre os dias do ano;
7. explicação de Sólon;
8. Sólon compara o homem e a cidade;
9. conclusão de Sólon;
10. indignação e descrença de Cresos.

Sólon, ateniense, viaja ao reino estrangeiro de Cresos, rei de Sardes. O motivo da sua visita decorre do fluxo de sábios para Sardes, cidade próspera, a fim de conhecerem suas fortunas; além disso, Sólon, temendo ver revogadas as leis que acabara de promulgar, sai de Atenas e, por fim, como todo sábio, ele deseja conhecer outras paisagens fora de Atenas.

Cresos o recebe em seu reino, após mostrar-lhe, inteiramente, toda sua riqueza (*ólbos*), vangloriando-se dela, indaga a Sólon sobre qual o homem mais feliz. Sólon, depois que contempla todo o reino de Cresos e ter visto toda a sua fortuna, no papel de homem sábio e prudente, aponta três homens que são dignos de ser chamados de felizes, são eles: Telos de Atenas, o qual viveu em meio à prosperidade, era pai de filhos belos e excelentes e acabou seus últimos dias, gloriosamente, numa batalha onde ele viu a mais bela das mortes, morreu belamente (*apéthane kállista*). Depois, ele cita os irmãos Cléobis e Bítton, esses tinham, além de riquezas suficientes, força física (*rhóme sómatos*). E o historiador narra o que acontecera aos dois irmãos, chegando ao fim da vida, também, com uma morte gloriosa, decorrente dos seus feitos.

Cresos, a essa altura, irritado por não receber nem o segundo lugar no que lhe concernia à felicidade, censura o ateniense: “*ó hóspede ateniense, a nossa felicidade te é assim tão indiferente, de sorte que tu não fizeste de nós nem dignos dos homens comuns?*”

Cresos, porém, não entende a natureza da resposta de Sólon, se para ele a felicidade advém dos recursos materiais, para Sólon está no plano divino-filosófico. A resposta de Sólon leva em conta cinco aspectos da vida do homem para que esse seja considerado, realmente, feliz: a cidade, a duração da vida, a descendência, as riquezas e um final de vida extraordinário. Se Sólon põe em primeiro lugar Telos de Atenas, é que esse preenche todos os requisitos da felicidade vista por ele, que elenca os critérios para que um homem possa atingi-la. Eis a sua classificação:

- a) a cidade de Telos prosperava;
- b) tinha filhos belos e excelentes;
- c) viu nascer todos os seus netos;
- d) tinha uma riqueza sólida;
- e) terminou sua vida cheia de glória.

Quanto aos irmãos Cléobis e Bítton, por não terem deixado descendência, ficaram com o segundo lugar. O elogio, portanto, que Sólon faz é o da vida longa e da descendência.

Nesse ponto do diálogo começa a explanação de Sólon sobre o que é o homem feliz. A pergunta de Cresos permite que seja iniciado um diálogo no qual o tema central é a “*preeminencia del destino, precariedad de la felicidad, vanidad de las riquezas*” (Lacarrière, 1985). Assim, Heródoto interroga sobre a condição do homem atrelado a sua religião.

Narrativa histórica e narrativa dramática se entrecortam. Na *História* herodoteana, a cegueira de Cresos diante da resposta de Sólon é a mesma de Édipo perante a esfinge. A pergunta de Cresos tem ressonância em si mesmo. Sem visão para enxergar a diferença de uma possível existência venturosa do que é distinto de si, ele se torna um ser desazulado, um indivíduo que não conhece o sentido da existência feliz. Proclamar-se o mais bem-aventurado dos homens é desconhecer sua natureza, é desconhecer-se enquanto sombra somente.

Cresos é o homem rico, por isto, digno da felicidade, segundo ele próprio; Sólon é o homem cauteloso e sábio. E, com prudência, Sólon responde à indignação de Cresos:

“*Conheço todo o poder dos deuses, Cresos, e seu ânimo vingativo, e o quanto eles gostam de desconcertar-nos. E me interrogas sobre a sorte dos homens! No curso de uma longa vida podemos ver muitas coisas de que não gostamos, e também podemos sofrer muito. Calculo em setenta anos a duração máxima da vida humana; esses setenta anos correspondem a vinte e cinco mil e duzentos dias, sem contar os meses intercalares. Se a cada dois anos for acrescentado mais um mês ao ano, de tal forma que as estações e o calendário possam sincronizar-se, então os meses intercalares serão trinta e cinco além dos setenta anos e os dias desses meses serão mil e cinqüenta; logo, todos os dias dos setenta anos parecem ser vinte e seis mil e duzentos e cinqüenta, e podemos dizer perfeitamente que nenhum desses dias é igual ao outro naquilo que nos traz. Então, Cresos, o homem é apenas incerteza. (...) Devemos olhar para o termo de cada coisa, e ver como ela findará, pois a muitas pessoas a divindade dá um lampejo de ventura para depois aniquilá-las totalmente.*”

A essa altura do diálogo, com a explicação de Sólon sobre a felicidade humana, Cresos está descontente com o seu hóspede e manda-o embora. Heródoto inicia o capítulo 34 narrando a partida de Sólon e as desgraças que se abaterão sobre o reino de Sardes. Uma grande vingança divina (*némesis megále*) virá sobre o rei. O historiador dá a sua impressão sobre o motivo dessa violência: “*porque ele (Cresos) próprio se julgava ser o mais feliz (olbiótaton) de todos os homens*”. Nesse momento, vê-se a intervenção divina, através do sonho, manifestar-se.

E a narrativa prossegue com muitos elementos trágicos compondo-a:

01. a vingança divina que se abaterá sobre Cresos;
02. o sonho de Cresos;
03. preocupações de Cresos em relação à segurança do filho;
04. chegada de Adrasto ao reino de Cresos;

05. a embaixada mísica;
06. Creso impede o filho de ir à embaixada;
07. Átis insiste que o pai o deixe ir;
08. Creso revela o sonho a Átis;
09. interpretação do sonho por Átis;
10. Creso permite que Átis vá junto na embaixada;
11. recomendações de Creso a Adrasto;
12. Adrasto mata involuntariamente Átis;
13. desespero de Creso;
14. chegada do cadáver de Átis;
15. Adrasto é perdoado por Creso;
16. suicídio de Adrasto.

O sonho de Creso antecipava-lhe o futuro: os males que viriam sobre seu filho. E Heródoto, nesse ponto, inicia a última parte do episódio no qual Creso é a grande vítima sacrificial. E, pela primeira vez, encontramos nas *Histórias* a palavra *némesis* colocando-se em paralelo com *hýbris*. Nessa passagem, Heródoto inicia, como Sófocles em *Édipo Tirano*, um modelo trágico de representação constituído por um prólogo, episódios e um êxodo. Como prólogo, tem-se a vingança divina que recairá sobre Creso (1), seu sonho (2) e as suas preocupações com relação à segurança do filho (3). Assim como na tragédia sabe-se logo no prólogo o que vai acontecer, aqui, também, sabe-se que a vingança virá sobre o reino de Creso; e, em forma de sonho, ele recebe a intervenção divina, daí advêm suas inquietações que o impelem à ação.

Da chegada de Adrasto ao reino de Creso (4) até a cena do seu desespero (13), tem-se os episódios relatando os acontecimentos da casa do rei de Sardes. Este tinha dois filhos, um surdo-mudo e um outro chamado Átis - e, numa ironia sagaz, Heródoto acrescenta; uma vez que já desprezara o primeiro filho, anunciando que ele era apenas um incapaz surdo-mudo; que esse Átis era “o primeiro em todas as coisas”, distinguindo-se, assim, dos seus contemporâneos.

Na *Poética*, Aristóteles diz que o melhor modelo de homem para uma tragédia é aquele que fica no meio entre um e outro, o meio-termo (*tò metaxýs*), este sim, é o mais favorável a uma “bela” queda. Se Creso não é nem bom (*epieikés*) nem mau (*mokhtherós*), ele é, por conseguinte, o padrão ideal. Declarando-se um homem feliz (*ólbios*) por suas riquezas, cheio de impávia, não percebe o mundo a sua volta e conduz a sua vida como alguém que está predestinado a um final infeliz, ironicamente, pois sua meta é a felicidade.

Então, a sua descrença e o seu desatino para a interpretação do que é sensível são tortos, o mundo surge-lhe como para o herói da tragédia grega, desconcertado, desalinhado e tortuoso. Além de Creso, seu filho Átis também é um bom modelo, haja vista a particularidade - em tudo é forte - portanto, como já avisara Sólon a Creso, “a vida do homem é nada”; assim, ascensão e queda são o caminho de cada homem, ainda que ele se recuse a trilhá-lo.

Em sonho, Creso via seu filho ser atingido por uma ponta de ferro e, ao acordar, tudo fez para que nada de ruim

lhe acontecesse. Mas, como na vida humana nada é seguro, um oráculo profetizara que uma vingança atingiria inevitavelmente a quinta geração dos reis, numa seqüência dos reis Giges, Árdis, Sadiates e Aliates, Creso ocupa a quinta posição, assim como nos *Sete contra Tebas*, de Ésquilo, os irmãos Polinice e Eteocles se encontram na sétima porta a fim de travarem entre si um combate de morte. Para Creso não há saída, pertencente à quinta geração, fatalmente, algo muito terrível o aguarda.

Como na tragédia grega, o *Édipo Tirano* de Sófocles, na qual o autor põe em cena o homem diante do seu destino; Heródoto também nos relata as agruras de um homem que desconhece sua própria medida (*métron*). Ultrapassando-a, Édipo atrai para si, mesmo involuntariamente, uma série de sofrimentos - sua grande *hýbris* foi desconhecer sua justa-medida. Da mesma forma, acreditando na exterioridade como um bem para atingir um fim: a felicidade, Creso desconhece sua existência. E, como nos diz Heródoto, atraiu para si “a vingança divina porque se considerava o mais venturoso dos homens”.

Os conceitos de destino (*moira*), desmedida (*hýbris*), cegueira (*áte*) e erro (*hamartía*), termos tão freqüentes na tragédia grega, estão presentes na *História* de Heródoto. Muitas vezes, é claro, há a ocorrência de outras palavras com concepções similares, mas é importante demarcar a aparição desses vocábulos em Heródoto, uma vez que são palavras intrinsecamente ligadas ao drama trágico grego.

Com esses elementos como paradigma de um discurso trágico (*lógos*), Heródoto se aproxima da tragédia. Heródoto, como historiador, não parece estar preocupado com o relato verídico do acontecido, essa é a preocupação de Tucídides, mas em deixar à posteridade um questionamento de validade universal.

O diálogo entre Sólon e Creso sobre a felicidade é, portanto, um tema de sentido ontológico. Poderia ser, então, abordado e trazido à representação no palco por um dos três dramaturgos gregos Ésquilo, Eurípides ou, principalmente, Sófocles. Utilizando o gênero dramático puro, Heródoto o faz em forma de *lógos* misto, ora representação, ora narração.

Nisso reside a beleza dos vários discursos (*lógoi*) na *História* de Heródoto, quando se admira o teor dos seus diálogos e a fecundidade do espírito de um mestre que se revela na agudeza da en(cen)ação. Tomando como referência o episódio de Sólon e Creso, observa-se quão grande é a sua aproximação com a estrutura dramática padrão e quão bela é a mensagem lançada ao homem para que não se iluda, pois a vida é efêmera, e que se conscientize da sua vanidade.

Para Heródoto, o palco - a praça pública ateniense onde ele lia suas *Histórias* - abre-se diante dos espectadores; seus personagens principais dialogam, em plena luz do dia, diante da Lídia, terra natal do homem que se considera o mais feliz dentre todos os mortais: Creso.

Diante desses parcos detalhes, tem-se a matéria, como bem diz Lacarrière, para uma grande tragédia, na qual, o excesso e a fatalidade são o principal tema. E o viés apresentado é o da idéia de que nenhum homem pode-se proclamar venturoso, antes do termo da vida, pois a felicidade humana é tão somente brevidade: “*la felicidad de Cresos será de corta duración. Fiel al esquema trágico, el péndulo del destino va de allí en adelante a ladear en el otro sentido, golpeando ante todo el hijo preferido del rey*”(1985 a).

Se na tragédia, Édipo claudica, porque é coxo de nascença e cego voluntariamente, Cresos só está cego, mas incapaz de enxergar o que seria, de fato, a felicidade. A derrocada de Édipo começa quando ele está em plena atividade humana, assim também é a de Cresos. Este sobe ao trono com 35 anos de idade, aproximadamente, a mesma idade de Édipo.

E como assinala Sófocles, o homem maduro, depois de ter feito a sua travessia na vida, é capaz de conhecer e compreender a dimensão da sua vida, se sua vida foi ou não plena de felicidade. Dessa maneira, Heródoto, na *História*, mostra a mesma idéia, para Sólon, o homem só poderia dizer-se feliz após o termo da vida; antes disso, é descomedimento, desconhecimento de sua própria finitude. Toda essa reflexão feita por Sólon, até aqui, constituiria os episódios da tragédia.

Por fim, da chegada do cadáver de Átis (14) até o suicídio de Adrasto (16), tem o que na tragédia chama-se de êxodo, toda a desgraça já aconteceu e, finalmente, Cresos ou Édipo, nesse instante, compreendem o porquê das suas desgraças. E assim, Cresos talvez já não se vanglorie de uma vida tão cheia de recursos. Olhando para trás, ele traz a marca cruel de um destino inexorável. Agora, ele pode ver, combinando os pontos, o grande erro (*hamartía*) que cometera; ele pode interpretar, mais placidamente, depois da morte do filho pelo homem que ele próprio recebeu no seu reino, o que significaria o sonho e a terrível desgraça de ter acolhido o homem cujo nome é Adrasto (*ádrastos*) – o inevitável. Enfim, ele sabe de que nenhum homem é feliz, assim como Édipo, às duras penas, soubera no *Édipo em Colono*. Ele sabe que nenhuma vida, por mais alegre e cheia de benesses que seja, pode ser dita feliz até que se chegue ao fim.

Todas essas reflexões a partir do *lógos* de Cresos na *História* herodoteana, ou mais especificamente, o diálogo entre Cresos e Sólon traz à tona um questionamento sobre a profana condição do homem na terra, seu mal-estar diante da denegação da sua natureza. O abismo entre o humano o

divino é intransponível, qualquer desvio do caminho, como fez Prometeu, trar-lhe-á um grande pesar.

A preocupação de Heródoto extrapola o limite da historicidade do seu tempo. Sua inquietude diz respeito à “medida humana” e menos ao rigor do relato histórico. Ele vai buscar na diferença entre o grego e o bárbaro, na dialética das cidades prósperas e das cidades decrépitas, a metáfora para falar da humanidade. Agindo na cidade, o homem é o seu rei e age segundo suas leis, uma vez que ele sofra a queda, a cidade também é vítima - desse modo, vê-se que o objetivo de Heródoto ao anunciar que o seu relato contemplará as cidades que um dia tiveram uma vida próspera e hoje estão em ruína e as cidades que arruinadas hoje amanhã poderão ser afortunadas, foi alcançado; principalmente, se se pode compreender, nessa passagem do trecho da *História*, uma digressão do autor para discutir valores humanos.

Pode parecer estranho para o historiador moderno que Heródoto se apodere de um modelo tão subjetivo para fazer sua exposição, porém, não pode acusá-lo de que não tenha feito a explanação que tencionava: a de mostrar as cidades, e, conseqüentemente, os homens.

Voltando à epígrafe deste trabalho, na qual Sófocles diz que a melhor coisa era não nascer, pode ser, também, completada com a voz do sátiro, “*mas já que se nasceu, viva*”. Na *História*, Heródoto diz, assim como na tragédia, que se deve viver com comedimento. A vida humana é “*vinete seis mil e duzentos e cinqüenta dias*”, mas nada é igual, nada é sólido, tudo é passageiro e incerto, seja para Cresos, Édipo ou qualquer mortal. Tudo passa, apesar da soberba e do orgulho desmedidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HÉRODOTE (1970) *Histoires I*. Paris, Les Belles Lettres.
- HERÓDOTOS (1988) *História*. (Trad. Mário da Gama Kuri). Brasília: EdUnB.
- IMMERWAHR, H. R. (1986) *The Subject of the Histories*. In: *Form and Thought in Herodotus*. Cleveland: American Philological Association.
- LACARRIÈRE, Jacques. (1986) *De Paseo con Heródoto*. México: Fondo de Cultura Económica.
- SMOLKA, Neide C. de Castro. (1972) *Heródoto: Histórias Livro I* (Introdução). São Paulo: Tese de Doutorado.